



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL



Falando de diferenças...

A seleção canarinho entra em campo hoje. Quem dera fosse aquela seleção de Pelé, precisamente a de 1970. Uma maravilha! A melhor que já tivemos. Vê-la jogar, ainda que na telinha, mas em tempo real, ao vivo (uma das novidades de então), foi privilégio de sortudos brasileiros que tiveram a oportunidade de acompanhar a façanha que promovemos no México.

"Noventa milhões em ação...".

Em 1970, nos anos de Médice, só para nos situarmos melhor no tempo (que era sombrio), eu não passava de um "jovem que amava os Beatles e os Rolling Stones". E a seleção canarinho, claro. Que o digam meus álbuns de figurinhas.

Morava na rua Rayo Christof. Ganhar aquela copa foi um feito inesquecível. Naqueles junho e julho de acirrada peleja, a nossa rua era sem dúvidas a mais ornamentada da cidade. As cores verde e amarelo tremulavam no ar em bandeirolas ao longo de todo o seu trecho - entre a rua Tiradentes, onde desemboca a avenida Afonso Pena, e o acesso à avenida Cula Mangabeira.

As casas também repetiam as cores do escrete fantástico que traria, em definitivo, para o Brasil, a Taça Jules Rimet. De ouro puro. Era nosso grande patrimônio em se tratando de futebol. Nenhuma outra taça conseguiu mais fama, nem as do treta e penta. A Taça Jules Rimet chegou a ser exibida Brasil a fora, até ser roubada e seu ouro derretido e vendido no mercado clandestino, anos depois.

E com a Taça, nossos craques de verdade trouxeram o título de Tri-Campeão do Mundo. Mundo que ela encantou.

A ideia de transformar a rua numa extensão do estádio da cidade mexicana de Guadalajara, foi de Romeu e Bartolomeu, irmãos do saudoso

padre Tadeu. Trataram de colocar um aparelho de televisão no alpendre de uma residência, possibilitando que todos assistissem aos jogos, juntos. Promovíamos um clima de autêntica torcida, com gritos, rezas e palavras de incentivo, às vezes, uns palavões, porque nessas horas de bola rolando eles não podem faltar - como se nossos craques pudessem nos ouvir.

Até pareceu que nos ouviam...

Hoje, na ausência do Rei e de seus súditos, fico pensando no legado que eles nos deixaram no futebol, aos poucos estragado. E não consigo escapar da comparação entre aquela seleção de craques como Tostão, Jairzinho, Gérson, Clodoaldo e tantos outros, e as recentes seleções brasileiras, "europeizadas", de "jogadores" de egos elevados, pernas de pau, mascarados e milionários.

Concluo, triste, que a distância que as separam, não só de décadas, mas de talento, é gigantesca, abismal. Pelo simples fato de que os nossos craques de 1970 jogavam bonito, com raça e suor, literalmente jogavam bola, enquanto os de hoje, com seus cabelos coloridos, brincos e alguns até maquiados de rouge e batons (não duvidem!), são driblados pela bola, protagonizam dancinhas e balançam a bunda.

O pior é que perdem feio.

Aí, dançam de verdade.

Que hoje não se repita outro vexame espetaculoso, até porque, não nos enganemos, corremos sérios riscos de, pela primeira vez, ficarmos fora da próxima copa.

Que o Rei nos acuda dos Céus...

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



